



“(…) As soon as the curtain opened it was dazzling. Iara’s artistic direction along with Ana Turra’s touches and lightning, hit squarely.

The trio of the first album, *ARCO*, right in the middle of the naked stage started with *Mama-me* and, in the background, the dancers perfectly filled the stage – designed by Niemeyer – with a performance inspired by the music clip.

The audience was fascinated.

With Beraldo in the sax doing the double bass, incredibly good Mariá and Iara showing dominion on the guitar, the girls sounded like a world class power trio with supreme performance.

The concert did not break with the entrance of the second band with an smooth solution of continuity. Simply because she did not enter.

It appeared as if it were magic”

LUIZ CHAGAS

about the opening show **Arco & Flecha** at Auditório do Ibirapuera

“The old question ... Says who there isn’t new, good and original music in Brazil? There’s something real good out there - and I want to give you hint. Have you heard of Iara Rennó?”

ZECA CAMARGO reporter and television host

“Iara Rennó has been maturing her solo solo career, slowly enjoying a mix of genres, languages and themes that seems to have achieve perfection in this work – the double album *Arco e Flecha*”

ALEXANDRE MATIAS independent reporter and blogger

“Iara Renno shouts out for women’s sexual liberation with the video clip *Mama-me*”

CANAL BIS

about **ARCO & FLECHA**

The latest studio album release by Brazilian singer and songwriter Iara Rennó are here in double dose: **ARCO & FLECHA** (Bow & Arrow).

These two simultaneous releases by **YBmusic** and **Circus Label**.

Each disc was recorded by a band, which results in two different sonorities and proposals. Although they have two different identities, **ARCO & FLECHA** do complement each other, since together they showcase the multitalent and artistic restlessness of **IARA RENNÓ**.

The compositions are mostly signed by the singer, with different partners, ranging from **Paulo Leminski**, **Gustavo Galo**, through **Alice Ruiz** and **Alzira E** and also includes a song made with **Eduardo Viveiros de Castro's** text fragments (*Corpo Selvagem* - album **ARCO**), and another one by **Negro Leo** (*O Ritmo da Moçada* – album **FLECHA**).

The graphic design is signed by **Rodrigo Sommer**.

Like the albums, the shows are also independent: only **ARCO** or only **FLECHA**, each with their respective bands. Or **ARCO & FLECHA** show, with all members plus performers and visual interventions.

about **ARCO**

Released simultaneous on all digital plataforms by YBmusic and pressed by Circus Labels in 2016.

At the end of 2014 **IARA** (guitar and vocals) called **Mariá Portugal** (drums and mpc) and **María Beraldo Bastos** (clarone), forming a trio to perform the show **MACUNA** (reinterpretation of Macunaíma Ópera Tupi - Iara Rennó, Selo SESC, 2008). From the electrifying sound of this encounter came the idea of recording the album **ARCO**, with songs that are both own authorship and original.

Conceptually **ARCO** is marked by the erotic poems written by Rennó on her literary debut **Língua Brasa Carne Flor** – (Patuá Publisher, 2015). The songs are poetic, feminist and libertarian like in *Mama-Me, No Silêncio and Duelo*. The album is about liberation and empowerment of women, but also about the feminine principle regardless of gender.



about **FLECHA**

Released simultaneous on all digital plataforms by YBmusic
and pressed by Circus Labels in 2016.

This album comes from the musical reunion of **Iara Rennó** with **Curumin** and their long partnership in production. In the band, members of **Bixiga 70** (**Maurício Fleury**, **Cuca Ferreira**, **Daniel Gralha** and **Douglas Antunes**), along with **Lucas Martins** (**Céu** and **Russo Passapusso**), **Gustavo Cabelo** (Troupe **Chá de Boldo**) and **Maurício Badé** (**Criolo**) completing the mixture.

The songs of **FLECHA** rise up from African-Brazilian roots, traditional songs and batuques and gain a universal accent with the arrangements of this unique team of musicians. Starting with a rhyme (*Sabiá Sabe*), then singing to **Elza Soares** (*Invento*) and **Oxossi** (*Querer Cantar*) to end up with a samba (*Se Amanhece*).

The album also has the participation of **Ava Rocha** and **Mãeana**.





about **IARA RENNÓ**

Singer, songwriter, instrumentalist, music producer, performer, actress, poet.

In June of 2015 Iara Rennó launches her first literary adventure, the book of erotic poems *Lingua Brasa Carne Flor* (Patuá Publishing). Iara has songs recorded by Elza Soares and Ney Matogrosso, among others Brazilian singers. Until the release of **ARCO & FLECHA** (ybmusic / Selo Circus, 2016), his most recent album was, **IARA** (Jóia Moderna, 2013) with musical production by Moreno Veloso and band formed by Ricardo Dias Gomes (band Cê/ Caetano Veloso, and Do Amor) and Leo Monteiro (Imperial Orchestra and Duplexx). With Cibelle, Ruben Jacobina and Do Amor, presents the carnival album **A.B.R.A. Pre-CA** (ST2, 2012). In 2008 it was the turn of **Macunaíma Ópera Tupi** (label SESC, 2008), a thematic disc made from fragments of *Macunaíma* (main literary work of Mario de Andrade) with the participation of artists such as Tom Zé, Siba and Barbatuques, among many others. The production turned into the musical **Macunaíma no Oficina - Ópera Baile**, set up in 2010 in the anthological theater of Zé Celso Martinez Correa. Iara Idealized and realized the multimedia project **ORIKI IN CORPORE** - exhibition of 12 parts, totaling 400 square meters in the Afro Brasil Museum in 2009. With **DonaZica** - band headed by Iara, Andreia Dias and Anelis Assumpção - they released the albums **Composição e Filme Brasileiro**, 2003 and 2005, respectively. Born into a family of artists - the Espíndola family - Iara started singing with her mother, Alzira E, and joined Itamar Assumpção's band for three years as a vocalist.

explore more

mama-me
(official video)

iararenno.com

press

contato:

iaa.contatoprod@gmail.com



IARA cover at magazine CULTURA!Brasileiros

CULTURA!Brasileiros 05



IARA RENNÓ A MIRA CERTEIRA DA CANTORA E COMPOSITORA LITERATURA A ATUALIDADE DE OS SERTÕES MÚSICA LETIERES LEITE, MAESTRO DO BATUQUE, E AS INÉDITAS DE MACALE CINEMA ÉRYK ROCHA E SEU CINEMA NOVO TEATRO OS 15 ANOS DA CIÁ. ANTHROPOFÁGICA

look at COMPLETE ARTICLE

IARA highlighted at O Globo



'Arco' e 'Flecha' DOIS LADOS DE IARA RENNÓ, UMA SÓ ARMA

Cantora paulistana lança dois álbuns simultaneamente, com sonoridades próprias e conceitos complementares

LEONARDO LACORTS lel@oglobo.com.br

I ara Rennó quer fazer um disco — seu último álbum surgiu em 2013. Tinha um punhado de canções novas, a sugestão de Negro Leo ("Ele e Ela foram seus conselheiros") para que Caruamim fosse produtor, um trio escolhido de formação instável (guitarra, bateria e clarinete) que ela criou e com o qual viria tocando, o interesse da gravadora Yb em lançar... O necessário, portanto, para fazer o tal disco: Iara, porém, mudou de ideia. Desistiu? Não, descobriu o álbum e descobriu-se em duas complementares: "Arco" e "Flecha" (Yb/Cinco), que chegaram às plataformas digitais no próximo dia 10.

— Quando vi o que tinha, decidi "vá fazer todo mundo e ver o que dá" —

conta Iara. — Chamet todo mundo pra um ensaio. Estivamos eu, Negro Leo, Caruamim (o guitarrista) Gustavo Cabelo e os irmãos (a baterista Maria Portugal e a clarinetista Maria Rosalinda Buzoni). Tocamos meia hora de músicas, gravet no celular. Quando fui para casa, ouvindo, saquei que não ia dar pra juntar tudo, ficava sem pé nem cabeça, sem uma linha, uma sonoridade. Porque tinha umas músicas que tinham uma característica X e outras eram Y.

X virou um disco, Y outro. Como ela descreve, um yin, outro yang; um noite outro dia; um concreto, outro concreto; um preto, outro dia; um pra fora, outro pra dentro. Complementares, porém, flos com a tal banda feminista de formação instável, com uma sonoridade de mais arestas. Outro mais redondo, de apelo mais direto, com a banda formada

por Caruamim (bateria, teclado, MPC), Maurício Badé (percussão), Lucas Martins (baixo e violão), Gustavo Cabelo (guitarra), Maurício Henry (teclados), Daniel Galvão (saxofone e flugelhorn) e Carla Ferreira (sax barítono).

— Estava pensando nessas dualidades, numa forma de simbolizá-la, até que Gustavo Cabelo (saxofoneado da cantora) insistiu: "Arco" e "Flecha". Era isso porque tem uma simbologia milenar aí, e umas das primeiras armas feitas pelo homem. E um preço do outro. A flecha, que é o objetivo, o direito, o reto, e o arco, que é o sensível, o que se curva, o que impulsiona — avança Iara.

por Caruamim (bateria, teclado, MPC), Maurício Badé (percussão), Lucas Martins (baixo e violão), Gustavo Cabelo (guitarra), Maurício Henry (teclados), Daniel Galvão (saxofone e flugelhorn) e Carla Ferreira (sax barítono).

— Estava pensando nessas dualidades, numa forma de simbolizá-la, até que Gustavo Cabelo (saxofoneado da cantora) insistiu: "Arco" e "Flecha". Era isso porque tem uma simbologia milenar aí, e umas das primeiras armas feitas pelo homem. E um preço do outro. A flecha, que é o objetivo, o direito, o reto, e o arco, que é o sensível, o que se curva, o que impulsiona — avança Iara.

inclui o problema político-ambiental da água em São Paulo ("Sabá sabe"), uma ode a Elza Soares ("Invento"), a crítica de uma madrugada introspectiva na rua ("Bom dia moçada", de Negro Leo), a única do disco que não leva a assinatura de Iara, só ou com parceiros como Gustavo Galvão, Domenico Lanconelli, Bruno di Lullo e Alina E.

— "Flecha" é solta, é onde admito que não me limitei à ideia de instrumental, que às vezes lançam sobre mim. Gosto do choque, mas não me resumo a isso. "Flecha" tem uma contaminação direta, palatável até. Caruamim (produtor de "Flecha" com Iara, que produzida "Arco" acústica) foi muito importante pra isso. Levando em conta os debates que se dão em torno da questão do gênero hoje, Iara inicialmente resistiu em classificar os discos diretamente como masculino e feminino ("Pode ser limitador"). Mas reconheceu essas energias ali.

— O "Arco" é o masculino, o "Flecha" é o feminino, mas é mais complexo. O "Flecha" masculino, é mais fácil. Masculino é feminino também. Mas é engraçado, que dividido em diapasão disco era o "Arco" e qual era o "Flecha". O "Flecha" é mais lírico, o "Arco" tem mais o meu discurso, é o que absorve. Esse bairaco que puta pra abstrair, que tem muito a ver com essa discursão sutil. E corre dia aquela música do Negro Leo: "Quem tem medo de bruxaria", talvez os discos sejam masculino e feminino, mas são transgêneros — diz Iara, com precisão e certo humor. ■

mas é mais complexo. O "Flecha" masculino, é mais fácil. Masculino é feminino também. Mas é engraçado, que dividido em diapasão disco era o "Arco" e qual era o "Flecha". O "Flecha" é mais lírico, o "Arco" tem mais o meu discurso, é o que absorve. Esse bairaco que puta pra abstrair, que tem muito a ver com essa discursão sutil. E corre dia aquela música do Negro Leo: "Quem tem medo de bruxaria", talvez os discos sejam masculino e feminino, mas são transgêneros — diz Iara, com precisão e certo humor. ■

mas é mais complexo. O "Flecha" masculino, é mais fácil. Masculino é feminino também. Mas é engraçado, que dividido em diapasão disco era o "Arco" e qual era o "Flecha". O "Flecha" é mais lírico, o "Arco" tem mais o meu discurso, é o que absorve. Esse bairaco que puta pra abstrair, que tem muito a ver com essa discursão sutil. E corre dia aquela música do Negro Leo: "Quem tem medo de bruxaria", talvez os discos sejam masculino e feminino, mas são transgêneros — diz Iara, com precisão e certo humor. ■

mas é mais complexo. O "Flecha" masculino, é mais fácil. Masculino é feminino também. Mas é engraçado, que dividido em diapasão disco era o "Arco" e qual era o "Flecha". O "Flecha" é mais lírico, o "Arco" tem mais o meu discurso, é o que absorve. Esse bairaco que puta pra abstrair, que tem muito a ver com essa discursão sutil. E corre dia aquela música do Negro Leo: "Quem tem medo de bruxaria", talvez os discos sejam masculino e feminino, mas são transgêneros — diz Iara, com precisão e certo humor. ■

mas é mais complexo. O "Flecha" masculino, é mais fácil. Masculino é feminino também. Mas é engraçado, que dividido em diapasão disco era o "Arco" e qual era o "Flecha". O "Flecha" é mais lírico, o "Arco" tem mais o meu discurso, é o que absorve. Esse bairaco que puta pra abstrair, que tem muito a ver com essa discursão sutil. E corre dia aquela música do Negro Leo: "Quem tem medo de bruxaria", talvez os discos sejam masculino e feminino, mas são transgêneros — diz Iara, com precisão e certo humor. ■

mas é mais complexo. O "Flecha" masculino, é mais fácil. Masculino é feminino também. Mas é engraçado, que dividido em diapasão disco era o "Arco" e qual era o "Flecha". O "Flecha" é mais lírico, o "Arco" tem mais o meu discurso, é o que absorve. Esse bairaco que puta pra abstrair, que tem muito a ver com essa discursão sutil. E corre dia aquela música do Negro Leo: "Quem tem medo de bruxaria", talvez os discos sejam masculino e feminino, mas são transgêneros — diz Iara, com precisão e certo humor. ■

mas é mais complexo. O "Flecha" masculino, é mais fácil. Masculino é feminino também. Mas é engraçado, que dividido em diapasão disco era o "Arco" e qual era o "Flecha". O "Flecha" é mais lírico, o "Arco" tem mais o meu discurso, é o que absorve. Esse bairaco que puta pra abstrair, que tem muito a ver com essa discursão sutil. E corre dia aquela música do Negro Leo: "Quem tem medo de bruxaria", talvez os discos sejam masculino e feminino, mas são transgêneros — diz Iara, com precisão e certo humor. ■

mas é mais complexo. O "Flecha" masculino, é mais fácil. Masculino é feminino também. Mas é engraçado, que dividido em diapasão disco era o "Arco" e qual era o "Flecha". O "Flecha" é mais lírico, o "Arco" tem mais o meu discurso, é o que absorve. Esse bairaco que puta pra abstrair, que tem muito a ver com essa discursão sutil. E corre dia aquela música do Negro Leo: "Quem tem medo de bruxaria", talvez os discos sejam masculino e feminino, mas são transgêneros — diz Iara, com precisão e certo humor. ■

Diferentes caras, uma só provocação

Disco

Crítica "ARCO" E "FLECHA" de IARA RENNÓ

SERVO ESTRELA el@oi.com.br

C antora brasileira e seus discos gêneros — não dá para não lembrar da Marina Motta de "Universo ao meu redor" ("Indiano particular" (2006) e da Nina Becker de "Amor" ("Veredinho" (2010). Mas o que Iara Rennó propôs com "Arco"/"Flecha" vai além. Revato a Iara, Iara parte da poesia para construir os seus artigos musicais, que saem do fôlego com diferentes caras (nem todas bonitas) — algo que pode amarrar um projeto de unidade, mas que não deixa cortar o fluxo de criatividade.

"Arco", o disco feminino, é o mais o interesse da dupla, com sua formação instrumental erreta e instigada (bateria, clarone, guitarra e eventual teclado) e canções fechadas, fortes e francamente sensuais, caso exemplar sendo o de "Mama me" ("morde meu cangote/ galopa o meu galope/ lê minha partitura/ com sua parte de ra"). Mas lá atrás tem hinos ("Sodômbula"), noite ("Insistente" ("O que me anda") e um pouco mais de desejo ardente ("Meu vício") para garantir uma audição sem véus.

O masculino "Flecha" se move menos pelo campo da vanguarda (paulistana) que pelo das tradições africanas — é mais simples, mas nunca simplório. Absorve com um cântico ("Sabá sabe"), fecha com outro ("Se amarrece"), e nesse interior se espreguiça entre o funk ("Invento"), o jazz ("Ritmo da moçada", de Negro Leo) e a marcha ("Rosas e uvaço"), com espaço até para deixar bailar a inspiração de Ilmar Assumpção na boa "Arreple" ("Se eu canto no canto do seu ouvido/ sua pele é com que eu respiro"). ■

NA VÍDEO [oglobo.com.br](https://www.youtube.com/watch?v=...) Conheça a Iara "Mama-me"

look at COMPLETE ARTICLE

